

A subida de impostos foi somente a faísca

O restaurante Hashem falafel no centro de Amã é uma atração internacional. Ele aparece em todos os sites de comida jordaniana e guias turísticos como um “falafel de sonho” ou o “melhor falafel do Oriente Médio”. Suas duas sucursais servem falafel a vapor quente, um prato de hummus com muito azeite e suco de limão, e talvez feijão. E não se esqueça do pita leve e flexível, do pequeno prato de puré de pimenta quente e de alguns vegetais fatiados.

Só há talheres para aqueles que insistem; a pita está nas alturas. As cadeiras são desconfortáveis, as mesas são surpreendentes, os guardanapos são feitos de papel em bruto, e só se pode esperar que o calor intenso seja suficiente para assar os micróbios. Uma dose é suficiente para satisfazer um consumidor de falafel faminto durante horas, por vezes um dia inteiro.

“Eu como em Hashem pelo menos duas vezes por semana”, disse-me Taha Sunukrut, um jordaniano originário de Hebron, que trabalha num banco em Amã, quando visitei a cidade há dois meses. “Para muitas pessoas esta é a única refeição do dia.”

Na quarta-feira passada ele disse-me que não estava aberta. “Estamos em greve hoje até às 14h. Talvez eu leve as crianças a passear, elas também estão em greve. Todos estão em greve: professores, médicos, engenheiros. Na terça-feira à noite houve muitas manifestações e as ruas também não estão tranquilas hoje”, acrescentou.

“As pessoas estão desesperadas. Talvez seja bom que se manifestem um pouco e libertem o vapor que acumularam ao longo dos anos. Isto não começou com o novo orçamento ou com a reforma fiscal; as coisas têm sido muito más durante anos.

Tudo o que precisas é de uma faísca”.

Esta semana, o rei deteve o seu impopular primeiro-ministro, Hani Mulki, ou, como foi dito, o rei “aceitou a sua demissão”, substituindo-o por Omar Razzaz, o ministro da Educação do governo cessante. Razzaz tem doutorado em economia pela Harvard e bacharelado pelo MIT. Ele é uma pessoa séria e um economista talentoso que foi nomeado por causa de sua habilidade, bem como suas relações estreitas com o rei.

Esta nomeação não satisfaz as lideranças dos sindicatos, que declararam greve, ao mesmo tempo que lideraram a oposição à lei fiscal. O seu líder, Ali al-Abous, director da Associação dos Sindicatos Profissionais, é presidente do sindicato dos médicos. Abous tentou dar ao governo uma extensão de uma semana até que um novo gabinete seja formado, antes que os protestos se intensifiquem, mas sua proposta foi rejeitada pelos chefes sindicais.

“A nomeação de Razzaz é um insulto aos protestos”, disse alguém na reunião. “É inapropriado que o novo primeiro-ministro venha do governo do qual estamos a tentar livrar-nos. Nenhum membro do governo cessante deve servir no novo governo”.

A culpa é do primeiro-ministro

A mudança de gabinete e a dissolução do parlamento são duas das exigências dos líderes do protesto, e a primeira parece a mais fácil de implementar, como demonstra a nomeação de Razzaz. A questão é saber se este gesto, com inúmeros precedentes durante o reinado do Rei Hussein, e sobretudo desde que o seu filho o substituiu há 19 anos, será suficiente para os manifestantes e estes regressarão a casa.

Um notável membro do parlamento, Amjad Hazaa al-Majali, filho de um lendário primeiro-ministro assassinado em 1960, emitiu uma carta cáustica na quarta-feira. Segundo ele, as manifestações respondem não só à nova lei tributária, que

reduz o primeiro nível da base tributária para \$11.000 por ano, enquanto aumenta o imposto de renda das empresas para 40 por cento.

“As manifestações são uma expressão da rejeição pública de um grupo estrangeiro dominante que não acredita em verdadeiros laços comuns e na idéia da nação, pois não têm outro significado para eles além de oportunidades para ganhar influência e controle total das rédeas do poder ... este grupo arruinou todas as conquistas da nação que foram alcançadas por seus gigantes no passado”, escreveu ele.

Segundo Majali, o “grupo estrangeiro” é composto pelos “novos liberais” que dirigem o Estado como se fosse uma empresa, mas regateiam. No final, este grupo “restringe o poder do parlamento e prejudica a posição do primeiro-ministro e do Estado”.

Na sua carta, Majali apresenta 12 exigências, incluindo a cessação destes “novos liberais” e uma guerra total contra a corrupção. Isto incluiria a devolução de dinheiro que foi alegadamente roubado ao Estado, o reforço do parlamento e o estabelecimento de um país de instituições, não de elites.

Majali não menciona o nome do rei Abdullah, mas qualquer crítica ao governo e aos seus membros é uma crítica ao rei que os nomeia. Mas enquanto Majali, que pertence a uma família elitista por si só, lamenta os “novos liberais”, ele realmente denuncia a perda de poder e status das antigas elites que faziam negócios entre si, roubando cofres públicos e contendo tecnocratas.

Majali tem razão quando diz que os protestos públicos não são dirigidos apenas contra novos impostos e o aumento do custo de 165 produtos. Outra razão são as consequências da guerra na Síria, que trouxe quase um milhão de refugiados, para além dos milhares de pessoas que ficaram depois da guerra no Iraque.

0 problema dos refugiados da Síria

Não se trata apenas de um problema económico, porque os contribuintes jordanos estão ajudando os refugiados com fundos públicos. As rendas dos apartamentos aumentaram substancialmente, por vezes duplicando, devido à concorrência com os inquilinos sírios. Os jordanianos são os primeiros a ser despedidos quando um sírio chega ao trabalho aceitando ganhar menos.

A crise que obrigou o governo a endurecer o seu plano económico não está desligada da política externa da Jordânia. A Jordânia teve que tomar emprestado US\$ 723 milhões do Fundo Monetário Internacional depois que a Arábia Saudita anunciou que não renovaria seu pacote de ajuda de longa data.

Em 2015, a Jordânia recebeu 473 milhões de dólares em ajuda da Arábia Saudita. Foi reduzido para 165 milhões de dólares em 2017. Este ano a Jordânia prometeu 250 milhões de dólares, mas nunca chegou.

A razão é o forte desacordo entre os dois países sobre as relações com o Qatar. Os sauditas exigiram que a Jordânia se juntasse ao boicote ao Qatar imposto no ano passado por vários Estados do Golfo. A Jordânia inicialmente concordou em reduzir os laços com o Catar, mas não todos. Em última análise, restaurou as relações completas.

As pressões da Arábia Saudita não caem bem na Jordânia, especialmente depois que a Arábia Saudita anunciou que queria revogar a custódia pela Jordânia dos locais sagrados de Jerusalém, em contraste com o acordo alcançado no tratado de paz de 1994 entre a Jordânia e Israel.

Os sauditas afirmam que a sua posição não mudou e que consideram Jerusalém Oriental como a capital da Palestina, mas não mencionam a custódia pela Jordânia dos locais sagrados da cidade. No passado, os sauditas pediram à Jordânia que atacasse o regime sírio de Assad como parte da coligação árabe e que se envolvesse com a Arábia Saudita na sua guerra no

Iémen. Mas a Jordânia recusou-se a atacar a Síria.

Esta semana, muitos dias depois que os protestos eclodiram na Jordânia, o príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman chamou o rei Abdullah para expressar seu apoio. Não está claro se ele prometeu ajuda financeira e, em caso afirmativo, em que condições. A Jordânia irrita os sauditas e os Emirados Árabes Unidos, outro grande doador da Jordânia, por não se juntar à luta contra a Irmandade Muçulmana. Mas a Irmandade é um partido político legítimo na Jordânia, que participa das eleições. Proscrevê-la, como no Egito e na Arábia Saudita, poderia provocar uma insurreição política que seria difícil de suprimir.

A Irmandade Muçulmana manteve-se em silêncio durante as atuais manifestações na Jordânia; os sindicatos alertaram para o perigo de uma reviravolta ideológica e religiosa dos acontecimentos. Israel não é mencionado nos meios de comunicação social árabes e jordanianos como um factor subjacente às manifestações, mas o acordo de paz foi apresentado ao Parlamento há três meses e é provável que se torne uma questão controversa antes de Outubro.

Nesse mês, a Jordânia tem de declarar se irá renovar as cláusulas do acordo de paz relativas ao seu arrendamento a Israel de terras jordanianas na região de Arava. O arrendamento expira em 2019, um quarto de século após a assinatura do tratado de paz, e os legisladores jordanos insistem que o arrendamento expire e que a terra seja devolvida à Jordânia.

Será que o rei Abdullah será capaz de superar a crise atual, assim, depois de esquivar em seu reino o perigo de uma revolução de estilo árabe da primavera? Enquanto os protestos giram em torno de questões específicas, como a lei tributária e o fim do governo, o rei fez o que era necessário. Ele mudou o governo e pediu ao novo primeiro-ministro para “reexaminar” a lei fiscal. Os aumentos salariais são também um método bem

conhecido de acalmar as coisas.

Além disso, seria certamente muito útil se os sauditas trouxessem várias centenas de milhões de dólares e os americanos concordassem em conceder mais crédito. Não está claro se as manifestações irão mais longe e se exigirão reformas políticas, incluindo uma transição para uma monarquia constitucional que reduza o poder do rei.

Original: [Haaretz](#)